

COSMOPOLITAN

NOVA

0133 - Nº244
Editora
Abril

CR\$ 1 400,00

**Guia para evitar
os velhos erros e
lidar direito
com este novo
namorado**

**Mulheres
solteiras e
seus homens
casados**

**"Fui viciada em
anfetamina,
tentei o suicídio
e consegui dar
a volta por cima"**

**A vitamina que
combate o
envelhecimento**

**Você é
casada, fiel
e acha que
está a salvo
da AIDS?
Pois está
enganada**

**Cortes,
penteados
e cores
que são
a moda
deste verão**

**Transei a três
e adorei. Isto
é normal?
Dr. Gaudêncio
responde**





Os afrescos da capela de São Brizio, na catedral de Orvieto, Itália, são a obra-prima do pintor italiano Luca di Ventura, conhecido como Signorelli (1445-1523). Aqui, detalhe de *O Julgamento final*. Apesar de se dedicar a temas religiosos, o artista era nação



Desde Eva, as mulheres têm sido vistas como parceiras do demo contra os homens. Com nossos feitiços, podemos levá-los para o caminho do mal. Mas quem é esse ser que comanda nossos instintos?

PROFISSÃO: DIABO

Ele é chamado de Lúcifer, Satã, Belzebu, Coisa-Ruim, Cão, Capeta, Cramulhão, Sarnento, Rabudo, Tição, Sata-nás. É a encarnação do mal. E há dois mil anos nos atormenta. Dois mil anos em que somos confundidas com ele, embora hoje não ousem mais nos queimar em praça pública.

Tudo começou no paraíso terrestre, quando o diabo tentou Adão revelando a nudez de Eva. Dali a dizer que a

mulher era a tentação encarnada havia um passo. Na Idade Média, até os homens mais cultos culpavam a mulher pelas duas piores maldições masculinas: a impotência e a esterilidade.

Na verdade, até hoje existem sujeitos que acreditam nisso.

Com seus poderes “sobrenaturais”, ela era capaz de seduzir e levar à loucura o mais pio dos seres, desviando-o dos caminhos de Deus para os prazeres da carne. Essa idéia, também, não saiu tanto da moda. Quantas vezes você não ouviu defenderem um estuprador com o argumento de que a vítima usava roupas provocantes e tinha comportamento suspeito?

Mistério indecifrável para muitos homens, ao longo da história a sexualidade feminina é muitas vezes atribuída a forças diabólicas. E a mulher, vista como um meio usado por Satanás para atingir os pobres infelizes. Por conta disso, muitas mulheres já foram parar na fogueira.

Os seguidores do demo ainda estão por aí

Poucos se atrevem a admitir que acreditam nele. Isso é coisa de gente ignorante. No entanto, em 1987, o papa, que não tem nada de ignorante, declarou que “o diabo ainda vive e trabalha no mundo”. E não era uma força de expressão. Até hoje, a Igreja Católica tem especialistas em exorcismo. E o mais espantoso é que, em muitos casos, água benta e um “Vade retro, Satanás” resolvem o problema dos “possuídos”.

No livro *Sors de cet homme, Satan* (Deixe esse homem, Satã), o padre Morand, exorcista da diocese de Paris, conta histórias de arrepiar os cabelos. Detalhes de missas negras que acabam em orgias, nas quais o sangue de animais é derubado sobre o corpo nu de uma mulher, enquanto os adoradores do demo comungam com hóstias roubadas.

Imaginação fértil de um homem fora de suas faculdades mentais? Não, por mais ultrapassados que pareçam, os rituais de satanismo continuam bastante em voga no mundo todo. Grupos de homens e mulheres se reúnem para pedir as graças de Lúcifer. As missas negras costumam envolver sacrifícios de animais. Mas há uma série de casos conhecidos em que a oferenda foi uma vida humana.

Um dos mais famosos foi, em 1968, o da atriz Sharon Tate, mulher de Roman Polansky, diretor de *O Bebê de Rosemary*, morta num culto macabro. Muitos diziam que a ousadia do cineasta havia despertado os demônios. O fato é que nos anos que se seguiram nós assistimos à multiplicação de crimes horripáveis, que não pareciam ter sido provocados por roubo.

Em 1989, nos Estados Unidos, foram encontrados treze cadáveres de vítimas de uma seita satânica. No mesmo ano, um grupo de traficantes do México ofereceu a vida de dez pessoas em troca da proteção do diabo contra a polícia.

No ano passado, em Guaratuba, interior do Paraná, Evandro Caetano, de 7 anos, foi sacrificado em troca de bens materiais. Desconfia-se que uma série de crianças desaparecidas naquele estado tenham tido o mesmo fim.

Mas, afinal, quem é este ser que ainda nos faz tremer depois de dois mil anos?

Mais divertido que a virtude

Sedutor e traçoeiro, ele existe para nos fazer cair em tentação e nos lançar ao mal (bem mais divertido do que a virtude, diga-se de passagem). Velho conhecido nosso,

em termos de história da humanidade, é bastante jovem.

A figura que conhecemos hoje, um força totalmente má, apareceu no Ocidente com o cristianismo. No judaísmo, que é a raiz dos ensinamentos cristãos, ele não passava de um coadjuvante de segunda linha. “No Antigo Testamento, não há registro de divindades absolutamente más ou boas,” diz o antropólogo Rodolfo Guttilla, pesquisador da área de Ciências Religiosas da Universidade de São Paulo (USP). “E se andarmos um pouco mais para frente, ainda não veremos essa distinção. Os deuses gregos, por exemplo, agiam e tinham sentimentos como os humanos.” Para os gregos, demônio significava uma divindade inferior e subordinada.

Foram os cristãos que ligaram a palavra demônio ao mal. No cristianismo, os anjos maus passaram a ser conhecidos como demônios. Eles ficaram sob o comando de Lúcifer — o mais brilhante dos anjos que se rebelou contra Deus, foi expulso do paraíso e fundou o inferno. Por sua vez, os anjos bons ficaram sob as ordens de Deus.

Mas, na Europa, os povos celtas e nórdicos não conheciam a noção de diabo ou pecado. Seus temores recaíam sobre os espíritos dos mortos, que voltavam para procurar os humanos na data correspondente ao dia 31 de outubro do nosso calendário — daí surgiu o Halloween. Nada parecidas com a inocente festa das bruxas que conhecemos hoje, as cerimônias da época apaziguavam os espíritos com sacrifícios humanos. Eram rituais sangrentos, em que os guerreiros cortavam a cabeça dos inimigos. Mas ninguém evocava a presença de um ente diabólico. Apesar de gostarem de sangue, os espíritos não eram de todo ruins. Daí se contentava em criar desordem nos túmulos. Carnumos tinha cara de mau e chifres pontudos, mas representava também o deus da fertilidade, da sorte e das colheitas.

Para os vikings, o reino dos deuses Wotan e Thor era atormentado por Loki, arruaceiro capaz de assumir várias formas. Mais levado do que demoníaco, apenas praticava pequenos furtos e não estava encarregado de nenhum inferno.

Mais feio que nunca

O diabo chegou ao Ocidente pelas palavras de Cristo. Ao ampliar suas fronteiras, o deus judaico-cristão levou o seu arqu inimigo para um terreno bastante fértil. Jesus já falava de encontros com o senhor das trevas, mas é na Idade Média, com a Europa sob o domínio ideológico da Igreja Católica, que o Diabo conhece seus dias de glória. Estudiosos dedicavam seu tempo a descrever os horrores de que ele era capaz e os artistas se esmeravam em representá-lo da forma mais tenebrosa possível.

Foi nessa época que ele assumiu a forma do chifrudo de rosto malévolo que hoje conhecemos. O lobisomem, mito bárbaro do terrível animal meio homem meio lobo, emprestou várias características à imagem medieval do diabo. E o demo começou a se apresentar com um corpo cabeludo, cascos e chifres. Essa figura lembrava muito também o deus Pan da mitologia romana, que aprontava das suas mas não era um mau sujeito.

Com a descoberta da América, o séquito de Lúcifer ganhou vários membros novos. Os nativos não dividiam o universo entre o bem e o mal. Mas havia uma série de “diabinhos” — ou pelo menos foi isso que passaram a acreditar os europeus que forçaram a barra para encontrar semelhanças entre a sua religião e as crenças dos índios.

Esses espíritos maus variavam de tribo para tribo, de região

para região, mas alguns apareciam com maior frequência. O Jurupari era descrito por alguns missionários como o próprio demo. Outros, no entanto, falavam dele como o grande Legislador, que veio do céu para pôr ordem na Terra. Outro espírito muito temido era o Curupira. Gênio da floresta, com corpo de menino, ele atacava e matava os índios no mato.

E aí vieram os escravos negros. Como as divindades indígenas, os orixás africanos são figuras muito ligadas à natureza e, na realidade, têm características boas e más. O Exu do candomblé, que hoje vemos como o diabo, é a força que inicia o contato com os orixás. “Na umbanda, ele foi identificado com o diabo, porque a umbanda é um caldeirão que mistura elementos afro, cristãos e até indígenas”, diz Dilma de Mello, pesquisadora de Cultura Brasileira, da USP.

Medo de Mula-sem-Cabeça?

As crenças indígenas unidas ao catolicismo e às religiões africanas se mesclaram e deram origem a uma série de pequenos demônios que nós conhecemos muito bem. Não é nem preciso ter lido Monteiro Lobato para saber das traquinagens do Saci-Pererê, aquele negrinho de uma perna só, capuz vermelho e cachimbo na boca. Quem leu, ou quem nasceu no interior, com certeza vai se lembrar também do Boitatá, uma cobra imensa e malvada. Quando pequena, você nunca teve medo de que, à noite, a Mula-sem-Cabeça viesse pegá-la? No interior, não faltam lendas sobre eles.

A história de vender a alma ao diabo, por exemplo, tem origem na Idade Média. O *Fausto*, do escritor alemão Goethe, é uma versão de uma lenda que surgiu no século XII. Mas, até hoje, no interior do Brasil, tem gente que acredita que pode trocar a alma por bens materiais. “Fala-se que a pessoa deu a pata, como um cão, ao capeta”, diz Jerusa Pires Ferreira, professora de pós-graduação em Comunicação e Semiótica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC).

E quem viveu ou passou férias de infância numa cidade pequena deve estar lembrado de uma velha esquisita, que vivia solitária numa casa escondida e que todos diziam que era uma bruxa. E por que nunca ninguém pensou em um bruxo? Mas que diabos nós mulheres temos a ver com o demônio?

Com o sabor do pecado

Entre os séculos XIV e XVIII, durante a Inquisição, mais de 100 mil mulheres foram condenadas à morte por bruxaria ou por copular com o demo. Mais de 80% das pessoas queimadas vivas eram mulheres.

Na maior parte das vezes, as feiticeiras eram curandeiras, mulheres dotadas de conhecimento sobre as plantas. Fora a vassoura voadora, se pareciam realmente com a bruxa má dos contos de fadas. Marginalizadas pelo medo que provocavam, eram com frequência pobres maltrapilhas.

Algumas realmente preparavam poções “mágicas” por encomenda, para conquistar o amor de um homem ou tirar uma pessoa inoportuna do caminho, mas a maioria se contentava em fabricar filtros curativos e desempenhar o papel de parteira. Aos olhos da superstição, todas eram vistas de

uma só forma: agentes do cão. Se as colheitas fossem desfavoráveis, se um raio se abatesse sobre um cavaleiro ou se a esposa de alguém fosse estéril, a feitiçeira apelara ao diabo e devia pagar por isso. No mesmo barco, foram também colocadas jovens sedutoras acusadas por falsos puritanos que as desejavam ardentemente. Essa é, por exemplo, a história das feitiçeras de Salém, nos Estados Unidos, condenadas à morte pelos Quakers.

Por ter o poder de gerar filhos, a mulher era vista como alvo fácil do diabo. A imagem do capeta sempre foi muito li-



Demônio flagela os danados no detalhe do quadro *O Inferno*, de Dirck Bouts (1400-1475), pintor holandês, um dos expoentes da arte medieval flamenca.

O diabo chegou ao Ocidente pelas palavras de Cristo, e nunca foi tão feio e assustador quanto na Idade Média, quando a Igreja Católica dominava a Europa

gada ao sexo. Os religiosos da Idade Média e do início da Renascença acreditavam que Satanás poderia, com seu sêmen frio, levar as mulheres a um prazer extremo. Dessa união carnal seriam gerados demônios semi-humanos. E, até, o filho do diabo, o Anticristo. Lembra de *O bebê de Rosemary*?

Para o psiquiatra Christian Gauderer, a caça às bruxas se justifica pela inveja que os homens têm do poder da mulher de gerar filhos e pelo medo que têm de serem seduzidos. Entregar-se ao encanto feminino é, para muitos, como voltar à infância quando eram completamente dependentes da mãe. “Atraído, o homem se sente impotente e quer destruir aquilo que o subjuga,” diz Gauderer. “Atualmente, essa rivalidade resulta em machismo. Antes, levava a mulher à fogueira.”

A nossa sorte é que, hoje, o demo está na moda. Mas, graças a Deus, a maioria dos “adoradores do diabo” é ainda mais inofensiva do que o Tião Galinha, personagem de Osmar Prado na novela *Renascer*, que vivia com uma galinha preta debaixo do braço. Eles se contentam em usar cabelos longos, tatuar a imagem do seu mestre no braço e ouvir *heavy metal*. Ou, então, são fanáticos por filmes de terror — que, aliás, não faltam. Satanás, quem diria, tornou-se um ídolo pop. ★